

A origem desta **Calçada Portuguesa**, e quem sabe de outras que hão-de nascer, foi a surpresa de uma amiga basca, pela primeira vez em Portugal "nunca poderíamos ter isto no meu país" - afirmou. É evidente porquê: em certas terras o imenso potencial da nossa morna calçada como arma de arremesso não seria desperdiçado. O *énorme* paralelo parisiense de 68 (que não é para todos) teria aqui uma versão ligeira, mais eficaz pela rapidez e acessibilidade a todos os públicos enraivecidos sem discriminações de ordem muscular.

Quem se lembraria de tal na terra da fumaça? Esta nação entristecida que passeia ordeiramente e só se alvoroça se algum arranjo "urbanístico", sem querer, lhe altera a paisagem de sempre?

Sossego, portanto, só as culpas são atiradas a torto e a direito, por todos sobre todos, abstractamente, pelas costas, aproveitando o nevoeiro.

O *Manifesto anti-Dantas* foi escrito por Almada Negreiros em 1915 por reacção a um artigo de jornal. Seriam os poetas de *Orpheu* loucos? Segundo o Dantas, eram sim senhor, loucos de encerrar. Esta motivação reactiva do *Manifesto*, vingativa, escondeu-se num jeito de declaração estética mas deixou nódoa.

A nova versão que aqui se apresenta tem o novo pessimismo nacional como actor autor.

Ao contrário do que uma observação descuidada poderia levar a pensar não se trata de uma negação do *Manifesto* original. Acrescentando a palavra "não" de forma quase aleatória (respeitando apenas as regras da língua portuguesa) consegue-se um novo texto ininteligível, uma negação elevada ao quadrado, ao cubo, ao absurdo. Tudo aqui foi manipulado num imprevisível jogo de espelhos, um assunto de homens é lido por uma jovem mulher, o insulto parece dócil até que algum reflexo nos faça perder o norte outra vez.

Continuando, pede-se ao visitante que resista à tentação cansada de se sentar no sofá, aliás a casa está em obras e os calhaus recobertos de açúcar estão lá postos em sossego, invertendo o caminho de Duchamp, que utilizou mármore à laia de cubinhos de açúcar para o café.¹

Ter-se-á encontrado açúcar em vez da *Praia* debaixo desta lusitana calçada nunca levantada?

Seremos todos *racaille*?²

Numa noite de nevoeiro repetiram-se os gestos da dita escumalha, com o alento da vida, o sopro quente, recuperando um jogo infantil marcando os carros estacionados na cidade, os bancos, as cabinas telefónicas, as galerias de arte: *Brûle!* (= Arde!).

Em frente ao sofá temos o escadote - já avisamos das obras em curso - e os vídeos *Praça de Espanha*, realizado naquela praça de Barcelona, e *Ready-Made*, que documenta uma performance levada a cabo no Parlamento autónomo da Extremadura espanhola (Mérida). Ambos fazem parte de uma série de acções designada por *Comodidade Europeia*. Josian e Juan, imigrantes romenos e artistas de rua em Mérida, foram convidados a dar música a uns falsos deputados que desesperaram por um lugar sentado. Este jogo romano, da "cadeira", era usado entre os legionários para seleccionar voluntários à força. Tudo foi registado pela próprias câmaras de vigilância do parlamento.

As plantas que nascem sem pedir licença têm um triste fim, nesta praça de Espanha, também praça de Schengen. Entretanto, os romenos vão tocando um intermitente mas satisfeito *¡Que viva España!*.

Sem sair do mundo da tele-vigilância, uma *webcam* filma dia-e-noite o nova-iorquino *Empire State Building*. O que esperará filmar, esta exagerada máquina que duplica, saudosa, a sua visão do mundo?

Na esquina da sala, junto ao cacto, temos um Hans Haacke suspenso com a mesma técnica usada por Maurizio Cattelan para fazer flutuar o seu galerista. Levitação tão eficaz como a própria aquisição do livro, que documenta a criminosa televisão, uma fuga airosa de um armazém multinacional que só com muita boa vontade se poderá chamar livraria. Não escapa ao ridículo esta micro-acção, de micro-terrorismo poético, infinitésima homenagem a alguém que se tem dedicado a desmascarar as obscuras relações de poder no mundo da *alta cultura*. Consciente de todos estes perigos o protagonista, pequeno *racaille* intelectual, actua impune como uma personagem de caixinha de música. Mais música.

Ângelo Ferreira de Sousa

1. Marcel Duchamp, *Why not sneeze Rrose Selavy?* - Ready-Made, 1921

2. *Racaille* = escumalha. Palavra utilizada pelo ministro do interior francês para caracterizar os habitantes dos bairros periféricos das grandes cidades. Estas declarações levaram à violenta reacção em cadeia que se saldou em milhares de automóveis queimados.

--

Ficha técnica:

"Calçada Portuguesa" – Instalação, 2005/06 - Galeria Plumba, Porto

- Vídeos:

"Manifesto", texto lido por Catarina Lacerda, 8'44 min (2005)

"Brûle!", câmara de Frederico Lobo, com Carla Cruz, 4'31 min (2005)

"Praça Espanya", 3'57 min, mudo (2005)

"Homage a Hans Haacke", câmara de Frederico Lobo, 4'12 min (2005) + monografia sobre HH editada pela Phaidon (Londres)

"Comodidade Europeia IV", sequência original das câmaras de vigilância do Parlamento de Mérida (Estado Espanhol), música ao vivo de Josian e Juan imigrantes oriundos da Romênia e artistas de rua em Mérida, 17 min (2005)

- "ESB" - manipulação fotográfica a partir de *still* de *webcam* (2005)

- "Plage" – pedras recobertas com açúcar (2005)